

O LIVRO DOS
ESPÍRITOS

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

Allan Kardec

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o futuro da humanidade, segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns, recolhidos e organizados por Allan Kardec.

Primeira edição em 1857

Tradução e redação final:
Matheus Rodrigues de Camargo

© 2001 Editora EME

Os direitos autorais desta obra foram cedidos para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

20ª reimpressão – novembro/2016 – Do 116.001 ao 121.000 exemplares

REVISÃO DA TRADUÇÃO | Hilda Fontoura Nami

IDEALI, por Maria das Graças Lopes Morin do Amaral

Rubens J. Toledo

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL | André Stenico

Ficha catalográfica

Kardec, Allan, 1804-1869

O Livro dos Espíritos / Allan Kardec; Tradução de Matheus Rodrigues de Camargo - 20ª reimp. nov. 2016 - Capivari, SP : Editora EME.

360 p.

1ª edição : set. 2001

ISBN 978-85-7353-337-8

1. Espiritismo. 2. Filosofia Espiritualista.

CDD 133.9

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA	11
PROLEGÔMENOS	41
LIVRO PRIMEIRO: AS CAUSAS PRIMÁRIAS.....	43
<i>CAPÍTULO I – DEUS</i>	44
Deus e o infinito • Provas da existência de Deus • Atributos da Divindade • Panteísmo.	
<i>CAPÍTULO II – ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO</i>	49
Conhecimento do princípio das coisas • Espírito e matéria • Propriedades da matéria • Espaço universal.	
<i>CAPÍTULO III – CRIAÇÃO</i>	54
Formação dos mundos • Formação dos seres vivos • Povoamento da Terra. Adão • Diversidade das raças humanas • Pluralidade dos mundos • Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação.	
<i>CAPÍTULO IV – PRINCÍPIO VITAL</i>	61
Seres orgânicos e inorgânicos • A vida e a morte • Inteligência e instinto	
LIVRO SEGUNDO: MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS.....	65
<i>CAPÍTULO I – SOBRE OS ESPÍRITOS</i>	66
Origem e natureza dos Espíritos • Mundo normal primitivo • Forma e ubiquidade dos Espíritos • Perispírito • Diferentes ordens de Espíritos	

• Escala espírita • Progressão dos Espíritos • Anjos e demônios.	
<i>CAPÍTULO II – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS</i>	81
Objetivo da encarnação • Sobre a alma • Materialismo.	
<i>CAPÍTULO III – RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL</i>	87
A alma após a morte; sua individualidade • Vida eterna • Separação da alma e do corpo • Perturbação espiritual.	
<i>CAPÍTULO IV – PLURALIDADE DE EXISTÊNCIAS</i>	93
Sobre a reencarnação • Justiça da reencarnação • Encarnação nos diferentes mundos • Transmigração progressiva • Destino das crianças após a morte • Sexos dos Espíritos • Parentesco, filiação • Semelhanças físicas e morais • Ideias inatas.	
<i>CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DE EXISTÊNCIAS</i>	107
<i>CAPÍTULO VI – VIDA ESPÍRITA</i>	114
Espíritos errantes • Mundos transitórios • Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos • Ensaio teórico sobre a sensibilidade dos Espíritos • Escolha das provas • Relações de além-túmulo • Relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos • Metades eternas • Lembrança da existência corporal • Comemoração dos mortos. Funerais.	
<i>CAPÍTULO VII – RETORNO À VIDA CORPORAL</i>	140
Prelúdios do retorno • União da alma e do corpo. Aborto • Capacidades morais e intelectuais do homem • Influência do organismo • Idiotismo, loucura • Sobre a infância • Simpatias e antipatias terrestres • Esquecimento do passado.	
<i>CAPÍTULO VIII – EMANCIPAÇÃO DA ALMA</i>	157
O sono e os sonhos • Visitas espíritas entre os vivos • Transmissão oculta do pensamento • Letargia, catalepsia. Mortes aparentes • Sonambulismo • Êxtase • Segunda vista • Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista.	

<i>CAPÍTULO IX – INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL</i>	173
Penetrabilidade dos Espíritos em nosso pensamento • Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e ações • Possessos • Convulsionários • Afeição dos Espíritos por certas pessoas • Anjos guardiães; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos • Pressentimentos • Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida • Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza • Espíritos durante os combates • Pactos • Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros • Bênção e maldição.	
<i>CAPÍTULO X – OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS</i>	196
<i>CAPÍTULO XI – OS TRÊS REINOS</i>	202
Os minerais e as plantas • Os animais e o homem • Metempsicose.	
LIVRO TERCEIRO: LEIS MORAIS	211
<i>CAPÍTULO I – LEI DIVINA OU NATURAL</i>	212
Características da lei natural • Conhecimento da lei natural • O bem e o mal • Divisão da lei natural.	
<i>CAPÍTULO II – I. LEI DE ADORAÇÃO</i>	219
Objetivo da adoração • Adoração exterior • Vida contemplativa • Sobre a prece • Politeísmo • Sacrifícios.	
<i>CAPÍTULO III – II. LEI DO TRABALHO</i>	227
Necessidade do trabalho • Limite do trabalho. Repouso.	
<i>CAPÍTULO IV – III. LEI DA REPRODUÇÃO</i>	230
População do Globo • Sucessão e aperfeiçoamento das raças • Obstáculos à reprodução • Casamento e celibato • Poligamia.	
<i>CAPÍTULO V – IV. LEI DE CONSERVAÇÃO</i>	234
Instinto de conservação • Meios de conservação • Usufruto dos bens terrenos • Necessário e supérfluo • Privações voluntárias. Mortificações.	

<i>CAPÍTULO VI – V. LEI DE DESTRUIÇÃO</i>	240
Destruição necessária e destruição abusiva • Flagelos destruidores	
• Guerras • Homicídio • Crueldade • Duelo • Pena de morte.	
<i>CAPÍTULO VII – VI. LEI DE SOCIEDADE</i>	248
Necessidade da vida social • Vida de isolamento • Voto de silêncio	
• Laços familiares.	
<i>CAPÍTULO VIII – VII. LEI DO PROGRESSO</i>	251
Estado natural • Marcha do progresso • Povos degenerados	
• Civilização • Progresso da legislação humana • Influência do Espiritismo no progresso.	
<i>CAPÍTULO IX – VIII. LEI DE IGUALDADE</i>	260
Igualdade natural • Desigualdade de aptidões • Desigualdades sociais	
• Desigualdade de riquezas • Provas da riqueza e da miséria	
• Igualdade de direitos do homem e da mulher • Igualdade perante o túmulo.	
<i>CAPÍTULO X – IX. LEI DE LIBERDADE</i>	266
Liberdade natural • Escravidão • Liberdade de pensamento • Liberdade de consciência • Livre-arbítrio • Fatalidade • Conhecimento do futuro	
• Resumo teórico da força motriz das ações do homem.	
<i>CAPÍTULO XI – X. LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE</i>	279
Justiça e direitos naturais • Direito de propriedade. Roubo • Caridade e amor ao próximo • Amor maternal e filial.	
<i>CAPÍTULO XII – PERFEIÇÃO MORAL</i>	285
As virtudes e os vícios • Paixões • Sobre o egoísmo • Características do homem de bem • Conhecimento de si mesmo.	
<i>LIVRO QUARTO: ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES</i>	295
<i>CAPÍTULO I – PENAS E GOZOS TERRENOS</i>	296
Felicidade e infelicidade relativas • Perda de entes queridos • Decepção. Ingratidão. Afeições rompidas • Uniões antipáticas • Medo da morte	
• Desgosto pela vida. Suicídio.	

<i>CAPÍTULO II – PENAS E GOZOS FUTUROS</i>	309
O nada. Vida futura • Intuição das penas e gozos futuros • Intervenção de Deus nas penas e recompensas • Natureza das penas e gozos futuros • Penas temporárias • Expição e arrependimento • Duração das penas futuras • Ressurreição da carne • Paraíso, inferno e purgatório.	
CONCLUSÃO	331
NOTA EXPLICATIVA.....	343
APÊNDICE	349
Allan Kardec (foto) • O Codificador • Allan Kardec (Carlos Imbassahy) • Retrato físico e psicológico de Kardec (Anna Blackwell) • A companheira (Amélie-Gabrielle Boudet) • Um dólmen no Père Lachaise • O presente, a caridade, o Brasil • Tríplice aspecto do Espiritismo • O Mestre e o Apóstolo (Emmanuel/Chico Xavier) • Prece de Cáritas.	

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para coisas novas são necessárias palavras novas. É o que exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão intrínseca ao múltiplo sentido de certas palavras. As palavras *espiritual*, *espiritualista* e *espiritualismo* têm sentidos bem definidos; dar-lhes novos significados para que sejam aplicadas à Doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas de ambiguidade, que já são numerosas. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; qualquer pessoa que acredite ter em si outra coisa além da matéria é espiritualista; mas isto não significa que ela acredite na existência de Espíritos ou em suas comunicações com o mundo terreno. Para designar esta última crença, em lugar das palavras *espiritual* e *espiritualismo* empregaremos as palavras *espírita* e *espiritismo*, cujas formas lembram a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando para a palavra *espiritualismo* o seu sentido próprio. Diremos, então, que a *Doutrina Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se se preferir, os *espiritistas*.

Como especificidade, *O Livro dos Espíritos* contém a *Doutrina Espírita*; como generalidade, ele remete à doutrina *espiritualista*, da qual constitui uma das fases. Esta é a razão pela qual ele tem em seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.

II

Alma é outra palavra igualmente importante que, por ser uma das pedras angulares de qualquer doutrina moral, tem de ser bem entendida. A falta de

uma acepção bem determinada para essa palavra tem sido motivo de inúmeras controvérsias. A divergência de opiniões sobre a natureza da *alma* vem da aplicação particular que cada um faz dessa palavra. Uma língua perfeita, na qual cada ideia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões. Com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica; não tem existência própria e se dissipa com a vida: é o materialismo puro. Nesse sentido – e por comparação – costuma-se falar que um instrumento rachado e que não produz mais som não tem alma. De acordo com essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo eles, haveria para todo o Universo apenas uma única alma, que distribui faíscas entre os diversos seres inteligentes, ao longo de suas vidas. Após a morte, cada faísca retornaria à fonte comum, onde se confundiria com o todo, como os riachos e os rios retornam ao mar de onde vieram. Segundo essa hipótese, há em nós mais do que matéria e, após a morte, algo permanece – é nesse sentido que difere da opinião precedente. Mas é quase como se nada restasse, já que, não havendo mais individualidade, nós não teríamos mais consciência de nós mesmos. Segundo essa opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade; esta é uma variante do *Panteísmo*.

Para outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que, após a morte, conserva a sua individualidade. Essa acepção é, indiscutivelmente, a mais generalizada, pois, tanto sob este como sob outro nome, a ideia de um ser que sobrevive ao corpo encontra-se em estado de crença instintiva – independente de qualquer ensinamento – entre todos os povos, qualquer que seja seu grau de civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é a *causa e não o efeito*, é a doutrina dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões, e considerando apenas o aspecto linguístico da questão, diremos que essas três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas, que exigiriam, cada uma, um termo diferente. Essa palavra tem, portanto, uma tripla acepção, e cada uma tem sua razão, dentro do ponto de vista adotado para sua definição. A falha está na língua, que, para uma única palavra, oferece três significados diferentes. Para evitar qualquer equívoco, seria preciso restringir o significado da palavra alma a uma dessas três ideias. A escolha desta ou daquela é indiferente, pura convenção; o importante é estabelecer um entendimento. Acreditamos que o mais lógico seja considerar essa palavra em seu sentido mais popular; razão pela qual denominaremos **ALMA** a parte individual e não material do ser, aquela que reside em nós e que sobrevive ao corpo. Ainda que esse ser não existisse, e fosse apenas um produto da imaginação, haveria necessidade de um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra específica para cada uma das duas outras ideias apresentadas, chamaremos:

Princípio vital – o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a sua origem, que é comum a todos os seres vivos, das plantas ao homem. Podendo haver vida sem a capacidade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma ideia. Para uns, o *princípio vital* é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz sempre que esta se encontra em determinadas circunstâncias. Para outros – e esta é a ideia mais difundida –, o princípio vital reside num fluido especial, universalmente espalhado, do qual cada ser absorve e assimila uma parte no decorrer da vida, assim como vemos corpos inertes absorverem a luz. Este seria, então, o *fluido vital*, que, de acordo com algumas opiniões, nada mais é que o fluido elétrico animalizado, também designado de *fluido magnético*, *fluido nervoso* etc.

Seja como for, há fatos que não poderiam ser contestados, pois são resultado de observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, e, assim como essa vida existe, aquela força também existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos, sendo independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são capacidades próprias de certas espécies orgânicas, e finalmente que, dentre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe concede uma incontestável superioridade sobre todas as outras: a espécie humana.

Acreditamos que, considerada em sua múltipla acepção, a palavra alma não exclui o materialismo nem o panteísmo. Mesmo o espiritualista pode perfeitamente entender a alma conforme uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo da ideia do ser imaterial, distinto, ao qual ele então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião; ela é um proteu, que cada um adapta ao seu modo – daí a fonte de intermináveis controvérsias.

Do mesmo modo, usando a palavra alma nos três casos, evitaríamos a confusão se a ela fosse acrescentado um qualificativo que especificasse o ponto de vista sob o qual é considerada, ou a aplicação que se faz dela. Seria, então, uma palavra genérica que representa, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, sendo distinguida por um atributo, a exemplo dos gases, que se diferenciam pelo acréscimo das palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Portanto, talvez fosse melhor dizer *alma vital*, para designar o princípio da vida, *alma intelectual*, para designar o princípio da inteligência, e *alma espírita*, para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isso é apenas uma questão de uso de palavras – mas uma questão muito importante a ser compreendida. Sendo assim, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens; e a *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Devemos insistir ao máximo nessas explicações, pois a Doutrina Espírita fundamenta-se, naturalmente, na ideia de que existe em nós um ser independente

da matéria e que sobrevive ao corpo. Uma vez que a palavra alma aparecerá frequentemente no decorrer desta obra, é imprescindível fixar o sentido que lhe atribuímos, a fim de evitar qualquer equívoco.

Entremos, agora, no assunto principal destas instruções preliminares.

III

Como toda novidade, a Doutrina Espírita tem seus adeptos e seus contraditores. Tentaremos responder a algumas objeções destes últimos, examinando o valor das razões nas quais, muitas vezes, eles se apoiam, sem termos a pretensão de convencer a todos, pois há aqueles que acreditam que a luz foi feita só para eles. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, que não têm ideias preconcebidas ou mesmo imutáveis, que desejam sinceramente instruir-se. Provaremos a elas que a maior parte dessas objeções atribuídas à Doutrina provém de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito sem profundidade e com precipitação.

Retomaremos inicialmente, em poucas palavras, a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro fato observado foi o movimento de diversos objetos, vulgarmente chamados de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Esse fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América – ou, melhor dizendo, que teria voltado a aparecer nessa região, pois a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade –, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, como barulhos insólitos ou golpes desferidos sem causa ostensiva e conhecida. Depois disso, propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo, inicialmente despertando muita incredulidade, mas cuja multiplicidade de experiências não mais permitiu duvidar-se de sua realidade.

Se esse fenômeno tivesse se restringido ao movimento de objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, e mesmo todas as propriedades daqueles que conhecemos; a eletricidade, por sinal, multiplica, diária e infinitamente, os recursos que proporciona ao homem, e parece poder iluminar a Ciência com uma nova luz. Não haveria, portanto, nada que impedisse de se pensar que a eletricidade, modificada por certas circunstâncias ou qualquer outro agente desconhecido, pudesse ser a causa desse movimento. Além disso, a reunião de diversas pessoas, aumentando a potência de ação, parecia apoiar essa teoria, pois poder-se-ia considerar esse conjunto como uma pilha múltipla cuja potência resulta do número de elementos.

O movimento circular não tinha nada de extraordinário: faz parte da Natureza; todos os astros se movem circularmente. Logo, poderíamos estar diante de um reflexo, em menores proporções, do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo: uma causa até então desconhecida poderia produzir, acidentalmente –

em objetos pequenos e em determinadas circunstâncias –, uma corrente análoga àquela que impulsiona os planetas.

Mas o movimento não era sempre circular; ele era, muitas vezes, irregular, desordenado, o objeto era violentamente sacudido, derrubado, impulsionado para uma direção qualquer, e, contrariamente a todas as leis da estática, era suspenso e mantido no espaço. Dentre esses fatos, ainda não havia nada que não pudesse ser explicado pela potência de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, lançar longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Supondo-se que os barulhos insólitos e os golpes desferidos não resultassem de um dos efeitos corriqueiros da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa accidental, poderiam ainda perfeitamente ser produzidos pelo acúmulo de fluido oculto. A eletricidade não produz barulhos ainda mais violentos?

Até aqui, como se vê, tudo pode enquadrar-se no âmbito dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Mesmo sem sair desse círculo de ideias, ainda haveria assunto para estudos sérios, dignos de prender a atenção dos cientistas. E por que não aconteceu assim? É difícil dizê-lo, mas isso se deve a causas que provam, entre milhares de fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Primeiramente, a vulgaridade do objeto principal que inspirou as primeiras experiências não deve ser ignorada. Quanta influência uma palavra não exerce, muitas vezes, sobre as coisas mais sérias! Sem levar em conta que o movimento pudesse ter sido exercido sobre um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida por ser o objeto mais cômodo, e por se sentar mais naturalmente ao redor de uma mesa do que ao redor de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores algumas vezes são tão pueris, que não seria impossível que certos espíritos de elite se sentissem rebaixados em ocupar-se daquilo que se convencionou chamar *dança das mesas*. É inclusive provável que, se o fenômeno observado por Galvani tivesse sido observado por homens comuns e caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado ao mesmo plano dos fenômenos produzidos por uma varinha de condão. Na verdade, que estudioso não se sentiria diminuído em ocupar-se da *dança dos cofrezinhas*?

Alguns, entretanto, suficientemente modestos para admitirem que a Natureza poderia muito bem não ter dado a última palavra a eles, quiseram, por desencargo de consciência, ver. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre correspondeu às suas expectativas e, muitas vezes, não era produzido de acordo com a sua vontade, nem com seu modo de experimentação, levando-os a concluir pela negativa. Apesar de sua sentença, as mesas, posto que há mesas, continuam a girar, e podemos dizer com Galileu: *contudo, elas se movem!* E diremos mais: “por terem se multiplicado tanto é que os fatos têm hoje o direito de ser reconhecidos; trata-se apenas de encontrar para eles uma explicação racional”.

Pode-se dizer algo contra a realidade de um fenômeno por ele não se produzir sempre de maneira idêntica, de acordo com a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química são subordinados a certas condições, mas, caso se produzam fora dessas condições, poderíamos negá-los? Não haveria, portanto, nada de surpreendente no fato de o fenômeno de movimento dos objetos pelo fluido humano ter também suas condições de existência, e mesmo parar de ser produzido quando o observador, segundo seu próprio ponto de vista, pretende fazê-lo acontecer de acordo com o seu desejo, ou submetê-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que, para fatos novos, pode e deve haver leis novas. Ora, para conhecer essas leis é preciso estudar as circunstâncias sob as quais os fatos são produzidos. Esse estudo só pode ser o fruto de uma observação fundamentada, meticulosa e, muitas vezes, bastante prolongada.

Porém – contra-argumentam algumas pessoas –, é evidente que muitas vezes há fraude. Primeiramente perguntaremos a elas se têm certeza de que houve fraude e se, por acaso, não tomaram por fraude efeitos dos quais não puderam perceber a causa – mais ou menos como o camponês que tomou um sábio professor de Física, fazendo experiências, por um habilidoso escamoteador. Mesmo supondo que isso pudesse ter acontecido algumas vezes, seria esta uma razão para negar o fato? É preciso negar a Física porque há prestidigitadores que se autodenominam físicos? Além disso, é preciso levar em consideração o caráter das pessoas e os interesses que elas poderiam ter em enganar. Então essa enganação seria uma simples brincadeira? Uma brincadeira até pode ser divertida por um instante, mas indefinidamente prolongada seria igualmente enfadonha, tanto para o mistificador quanto para o mistificado. Ainda assim haveria, numa mistificação que se propaga de um extremo ao outro do mundo, e entre as pessoas mais sérias, honestas e esclarecidas, alguma coisa ao menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos dos quais nos ocupamos se tivessem limitado ao movimento de objetos, teriam permanecido, como já havíamos dito, no âmbito das ciências físicas; mas não se trata bem disso: seu objetivo era o de nos colocar na pista de fatos de uma ordem incomum. Acreditou-se ter descoberto, não sabemos por iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente resultado de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Essa via, uma vez aberta, representava um campo inteiramente novo de observações; o véu de muitos mistérios estava sendo levantado. Mas haverá mesmo uma força inteligente? Esta é a questão. Se essa força existe, o que é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Será que é superior à Humanidade? Estas são outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes aconteceram por meio de mesas que se moviam e desferiam determinados golpes, batendo com um pé para assim responder a uma questão proposta, com um “sim” ou um “não”, de acordo com a convenção. Até aí, nada de seguramente convincente para os céticos, pois podia-se acreditar num efeito ocorrido por acaso. Em seguida, obtiveram-se respostas mais elaboradas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel, que desferia um número de batidas correspondentes ao número de ordem de cada letra, permitia que palavras e frases fossem formuladas como respostas às questões levantadas. A exatidão das respostas e a correlação destas com a pergunta causaram espanto. Interrogado a respeito de sua natureza, o ser misterioso que respondia daquela forma declarou que era um *Espírito* ou *Gênio*, identificou-se com um nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Essa é uma circunstância muito importante a ser observada. Ninguém havia imaginado os Espíritos como um modo de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Nas ciências exatas, frequentemente formulam-se hipóteses para servir de base ao raciocínio; ora, aqui o caso é bem outro.

Esse meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e esta ainda é outra circunstância digna de observação, indicou outro meio. Foi um desses seres invisíveis quem deu a ideia de adaptar um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. Essa cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma força oculta que faz mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis realmente escreve, sozinho, caracteres que formam palavras, frases e discursos inteiros, de muitas páginas, tratando das mais sérias questões de filosofia, moral, metafísica, psicologia etc., e faz isso com a mesma rapidez com que se escreve com a mão.

Esse conselho se deu simultaneamente na América, na França e em diversas regiões. Aqui estão os termos em que foi dado em Paris, em 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina, que, há anos, desde 1849, já se ocupava da evocação dos Espíritos: “Vá pegar, no quarto ao lado, a cestinha; prenda a ela um lápis e posicione-a sobre um papel, pondo os dedos nas bordas”. Em seguida, após alguns instantes, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu, de maneira bem legível, a seguinte frase: “Eu o proíbo expressamente de contar a alguém isso que eu lhe disse; a primeira vez que eu escrever, escreverei melhor”.

Uma vez que o objeto ao qual se adapta o lápis é apenas um instrumento, sua natureza e forma são totalmente indiferentes. Buscou-se a disposição mais cômoda, razão pela qual muitas pessoas utilizam uma pequena prancheta.

A cesta, ou a prancheta, só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas dotadas, no que diz respeito a esse assunto, de um poder especial, as quais são chamadas *médiuns*, ou seja, meios, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão essa capacidade especial estão ligadas a causas ao mesmo tempo físicas e morais ainda imperfeitamente

conhecidas, pois encontram-se médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e de todos os níveis de desenvolvimento intelectual. Essa capacidade, por outro lado, se desenvolve através da prática.

V

Mais tarde, reconheceu-se que a cesta e a prancheta funcionavam, na realidade, apenas como complementos da mão. Então o médium, que segurava diretamente o lápis, começou a escrever movido por um impulso involuntário e quase febril. Através desse procedimento, as comunicações tornaram-se mais rápidas, fáceis e completas. Atualmente, é o modo mais difundido, tanto que o número de pessoas dotadas dessa aptidão é considerável e se multiplica todos os dias. Por fim, a experiência fez com que fossem conhecidas diversas outras variedades da capacidade mediúnica, e soube-se que as comunicações podiam acontecer igualmente por meio da fala, da audição, da visão, do tato etc., e, inclusive, pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem a ajuda da mão do médium nem do lápis.

Verificado o fato, restava constatar um fato essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que lhe cabia, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias principais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é a forma como a cesta se move sob a influência do médium, pela simples imposição de seus dedos sobre a borda; a observação demonstra ser impossível qualquer direcionamento. Essa impossibilidade torna-se óbvia principalmente quando duas ou três pessoas tocam, ao mesmo tempo, numa mesma cesta. Seria necessário haver entre elas uma coordenação de movimentos realmente fenomenal; também seria preciso haver uma concordância de pensamentos para que elas pudessem chegar a um consenso quanto à resposta a ser dada para a pergunta formulada. Um outro fato, não menos original, vem aumentar ainda mais a dificuldade: a mudança radical de caligrafia, de acordo com o Espírito que se manifesta; e a cada reaparição de um mesmo Espírito, sua caligrafia é retomada. Seria necessário, portanto, que o médium se empenhasse em mudar sua própria letra, de vinte maneiras diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar qual a caligrafia correspondente a cada Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas, que, na maioria das vezes, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, ultrapassam notoriamente os conhecimentos e, às vezes, estão fora do alcance da capacidade intelectual do médium, o qual, aliás – o que é mais comum –, não tem a menor consciência daquilo que escreveu sob influência do Espírito. Muito frequentemente o médium não escuta ou não compreende a pergunta formulada, porque esta pode ser feita em uma língua que lhe é estranha, ou mesmo mentalmente, e a resposta pode ser dada naquela língua. Finalmente, acontece muitas vezes de a cesta escrever espontaneamente

sobre um assunto qualquer e completamente inesperado, sem uma pergunta previamente formulada.

Essas respostas têm, em alguns casos, um certo toque de sabedoria, de profundidade e de propósito, revelando pensamentos tão elevados, tão sublimes, que só podem provir de uma inteligência superior, marcada pela mais pura moralidade. Outras vezes elas são tão levianas, frívolas e até mesmo triviais, que a razão se recusa a admitir que possam proceder de uma mesma fonte. Essa diversidade de linguagem só pode ser explicada pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências são da humanidade ou de fora dela? Esta é a questão a ser esclarecida e para a qual se encontrará a explicação completa nesta obra, de acordo com o que foi transmitido pelos próprios Espíritos.

Aqui estão, portanto, efeitos evidentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas sim à luz do dia; que todo mundo pode ver e constatar; que não são o privilégio de um único indivíduo, mas que milhares de pessoas podem repetir à vontade todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, a partir do momento que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, escapam do âmbito exclusivamente físico.

Várias teorias foram formuladas a esse respeito: nós as examinaremos, em seguida, e veremos se podem explicar todos os fatos que se produzem. Admitamos, por enquanto, a existência de seres distintos da humanidade, porque é essa a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Os seres que assim se comunicam, como dissemos, autodenominam-se Espíritos ou gênios e, pelo menos segundo alguns, foram homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, assim como nós constituímos o mundo corporal, durante nossas vidas.

Resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais significativos da doutrina que nos foi transmitida, a fim de responder mais facilmente a certas objeções.

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, que preexiste e sobrevive a tudo.

O mundo corporal é apenas secundário; poderia parar de existir, ou jamais ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição, através da morte, lhes restitui a liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que atingem um certo grau de desenvolvimento, e é isso que dá à raça humana a superioridade moral e intelectual sobre as outras espécies.

A alma é um Espírito encarnado, cujo corpo é apenas o envoltório.

Há três coisas no homem: 1 - o corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2 - a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3 - o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

O homem tem então duas naturezas: por meio de seu corpo, ele participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; por meio de sua alma, participa da natureza dos Espíritos.

A *ligadura* ou *perispírito*, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós em seu estado normal, mas que pode acidentalmente tornar-se visível e até mesmo palpável, tal qual acontece no fenômeno das aparições.

Assim, o Espírito não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é perceptível aos sentidos *da visão*, *da audição* e *do tato*.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em força nem em inteligência, tampouco em conhecimento e moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade em relação a Deus, sua pureza de sentimentos e seu amor ao bem: estes são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes estão mais e mais distanciadas dessa perfeição. Os das escalas inferiores inclinam-se à maior parte de nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; comprazem-se no mal. Na totalidade dos Espíritos, há aqueles que não são nem muito bons nem muito maus, estando mais para perturbadores e intrigantes do que para maus. A malícia e a inconsequência parecem ser seus parceiros; estes são os Espíritos travessos ou levianos.

Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos se aperfeiçoam passando pelos diferentes estágios da hierarquia espírita. Esse aperfeiçoamento acontece por meio da encarnação, que a alguns é imposta como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova pela qual devem passar por diversas vezes, até que tenham atingido a perfeição absoluta; é uma espécie de peneira ou depurador, de onde saem mais ou menos purificados.

Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído

para retomar uma nova existência material, após um espaço de tempo mais ou menos longo, durante o qual ela se encontra em estado de Espírito errante.

Partindo do fato de que o Espírito deve passar por diversas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos diversas existências, e que ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos sempre acontece na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou o Espírito pudessem encarnar no corpo de um animal.¹

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas a velocidade do progresso depende dos esforços que faça para atingir a perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito encarnado; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso a de um Espírito impuro.

Antes da encarnação, a alma possuía sua individualidade; ela a conserva após sua separação do corpo.

Ao retornar ao mundo dos Espíritos, a alma reencontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores são retraçadas em sua memória, com a recordação de todo o bem e de todo o mal que fez.

O Espírito encarnado encontra-se sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência por meio da elevação e da purificação de sua alma, aproxima-se dos Espíritos bons, aos quais ele se juntará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e deposita toda sua alegria na satisfação de apetites grosseiros, aproxima-se dos Espíritos impuros, dando prioridade à natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam diferentes globos do Universo.

Os Espíritos não-encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; eles estão por toda parte e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-se conosco incessantemente. Constituem uma população invisível que se agita ao nosso redor.

Os Espíritos exercem uma ação ininterrupta sobre o mundo moral e inclusive sobre o mundo físico; eles agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da Natureza, causa eficaz de uma grande quantidade de fenômenos até então inexplicados ou mal-explicados, e que só encontram uma solução racional no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos incitam ao bem, nos sustentam nas provações da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos incitam ao mal: para eles, é uma alegria ver-nos sucumbir e nos assemelhar a eles.

(1) Entre a doutrina da reencarnação que estamos a apresentar e a da metempsicose – tal como a admitem algumas seitas –, existe uma diferença característica que será explicada no decorrer desta obra.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas acontecem por meio da boa ou má influência que os Espíritos exercem sobre nós, sem o sabermos; cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas acontecem por meio da escrita, da fala, ou de outras manifestações materiais, mais frequentemente através dos médiuns, que lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou através de evocação. Pode-se evocar todos os Espíritos: tanto os que animaram homens obscuros como os de personagens mais ilustres, seja qual for a época em que viveram; os de nossos parentes, de nossos amigos ou de nossos inimigos, obtendo deles, por meio de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre sua situação de além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes são permitidas fazer-nos.

Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, nas quais predominam o amor pelo bem e o desejo sincero de instruir-se e desenvolver-se. Sua presença afasta os Espíritos inferiores que, caso contrário, encontrariam o caminho livre, podendo agir com toda a liberdade, entre as pessoas frívolas ou guiadas somente pela curiosidade e em todo lugar onde haja maus instintos. Desses Espíritos, longe de se obter bons conselhos ou informações úteis, não se deve esperar nada além de futilidades, mentiras, brincadeiras de mau-gosto ou mistificações, pois eles frequentemente usam nomes respeitados para melhor nos induzirem ao erro.

A distinção entre os bons e os maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, marcada pela mais alta moralidade, livre de qualquer paixão vulgar; seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre como objetivo nosso progresso e o bem da humanidade. Já a linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, muitas vezes trivial e até mesmo grosseira. Se algumas vezes eles dizem coisas boas e verdadeiras, com muito maior frequência dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Aproveitam-se da credulidade e se divertem à custa daqueles que os interrogam, aflagando sua vaidade e embalando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias – na plena acepção da palavra –, só acontecem em centros sérios, nos quais todos os membros são unidos por uma comunhão íntima de pensamentos voltados para o bem.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a moral do Cristo, nesta máxima evangélica: “Agir para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco”, ou seja, fazer o bem e não fazer o mal. Nesse princípio, o homem encontra a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações.

Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, vinculando-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desprende da matéria, pelo desprezo das futilidades mundanas

e pelo amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil de acordo com as faculdades e os meios que Deus depositou em nossas mãos para nos testar; que o forte e o poderoso devem amparo e proteção ao fraco, pois aquele que abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante transgride a lei de Deus. Eles ensinam, enfim, que, uma vez que no mundo dos Espíritos nada pode estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas serão desvendadas; que a presença inevitável e constante daqueles que prejudicamos é um dos castigos que nos são reservados; que as dores e os prazeres que nos são desconhecidos na Terra correspondem ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos.

Mas eles nos ensinam também que não há erros imperdoáveis que não possam ser apagados por meio da expiação. O homem encontra, nas diferentes existências, o meio que lhe permite avançar, conforme seu desejo e seus esforços na trilha do progresso, rumo à perfeição, que é seu objetivo final.

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como ela se apresenta no ensinamento dos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que lhe são contrapostas.

VII

Para muitas pessoas, a oposição das comunidades científicas é, senão uma prova, pelo menos uma forte suspeita contrária. Não somos daqueles que se voltam contra os sábios, pois não queremos que digam que metemos os pés pelas mãos: ao contrário, temos por eles um grande apreço, e nos sentiríamos muito honrados de estar entre eles. No entanto, a opinião dos sábios não poderia representar, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.

Visto que a Ciência surge da observação material dos fatos, tratando de apreciá-los e explicá-los, o campo encontra-se aberto a suposições. Cada um traz consigo seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e sustentar obstinadamente. Não vemos diariamente as opiniões mais divergentes sucessivamente preconizadas e rejeitadas, que, tão logo repelidas como erros absurdos, são, em seguida, proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do sábio.

Para as coisas evidentes, a opinião dos cientistas faz jus à importância que lhe é dada, pois eles as conhecem mais e melhor que o homem comum. No entanto, em termos de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver é sempre hipotética, porque eles não estão mais isentos de preconceitos que os outros. Direi, inclusive, que o cientista talvez tenha mais preconceitos que qualquer outra pessoa, pois uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista no qual se aprofundou: o matemático só consegue provar algo por meio de uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo à ação dos

elementos etc. Todo homem que se formou numa especialidade prende a ela todas as suas ideias. Afastem-no de sua especialidade, e, com frequência, ele perde o bom senso, pois quer submeter tudo a uma mesma fôrma: trata-se de uma consequência da fraqueza humana. Consultarei então, de bom grado e com toda a confiança, um químico a respeito de uma questão de análise, um físico a respeito da potência elétrica e um engenheiro mecânico a respeito de uma força motriz; porém, eles me permitirão – sem que isso afete a reputação que têm em sua área de especialização – não ter a mesma consideração por sua opinião negativa sobre o Espiritismo, assim como não se leva em conta o julgamento de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns se apoiam nas propriedades da matéria, que podem ser experimentadas e manipuladas à vontade. Os fenômenos espíritos se apoiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam, a todo instante, não serem submetidas ao nosso capricho. Portanto, as observações não podem ser feitas da mesma maneira: elas exigem condições especiais e um ponto de partida diferente. Querer submetê-las aos procedimentos ordinários de investigação seria estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, enquanto Ciência, é, portanto, incompetente para se pronunciar quanto à questão do Espiritismo: não cabe a ela encarregar-se desse assunto, e qualquer que seja o seu parecer, favorável ou não, não poderia ter valor algum. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os cientistas podem ter como indivíduos, independente do fato de serem eles cientistas. No entanto, querer deferir essa questão à Ciência seria o mesmo que entregar a uma assembleia de físicos ou astrônomos a decisão sobre a existência da alma. Com efeito, o Espiritismo fundamenta-se totalmente na existência da alma e no seu estado após a morte. Ora, é extremamente ilógico pensar que um homem deva ser um grande psicólogo só pelo fato de ele ser um grande matemático ou um grande anatomista. Ao dissecar o corpo humano, o anatomista procura a alma, e por não encontrá-la com seu bisturi, como encontraria um nervo, ou por não vê-la dissipar-se como um gás, conclui que ela não existe, pois parte de um ponto de vista exclusivamente material. O anatomista, em decorrência disso, passa a ter razão contra a opinião universal? Não. Tu verás, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem popularizadas, quando forem aceitas pelas massas – e, a julgar pela rapidez com a qual se propagam, esse dia não estaria tão longe –, acontecerá com elas o que tem ocorrido com todas as ideias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência e irão admiti-las, individualmente, por força das circunstâncias. Até que isso ocorra, é inoportuno tentar desviá-los de seus trabalhos especializados para coagi-los a se ocuparem de uma coisa estranha, que não faz parte de suas habituais atribuições nem do seu programa. Enquanto isso, aqueles que, sem um estudo prévio e aprofundado do assunto, pronunciam-se negativamente e

caçoam de qualquer pessoa que não pense como eles, esquecem-se de que o mesmo se deu com a maioria das descobertas que honraram a humanidade. Arriscam-se a ver seus nomes aumentar a lista dos ilustres proscritores de ideias novas e escritos ao lado dos nomes de membros da pedante assembleia que, em 1752, recebeu com gargalhadas a dissertação de Franklin sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe foram destinadas, bem como aquela outra assembleia que fez a França perder os benefícios da navegação a vapor, ao declarar que o sistema de Fulton era um sonho impraticável. Entretanto, tratava-se de questões científicas. Se essas assembleias, que tinham em seu seio a elite dos sábios de todo o mundo, só receberam com zombaria e sarcasmo as ideias que não compreendiam e que, anos mais tarde, deviam revolucionar a Ciência, o comportamento e a indústria, como esperar que uma questão estranha a seus trabalhos seja bem aceita?

Esses erros lamentáveis de alguns não retirariam dos sábios os títulos por eles conquistados em outros assuntos, com os quais conquistaram a nossa admiração, mas é necessário um diploma oficial para se ter bom senso? E será que fora das cátedras acadêmicas só há estúpidos e imbecis? É só olhar para os adeptos da Doutrina Espírita, ver se há entre eles apenas ignorantes e se o imenso número de homens honrados que abraçaram essa causa permite relegá-la ao rol das credices populares. O próprio caráter e a sabedoria desses homens nos permitem dizer que, se mesmo eles o afirmam, então deve haver algo.

Ressaltamos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem limitados ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno seria dos domínios da Ciência. No entanto, uma vez que se trata de uma manifestação que escapa às leis da humanidade, ela foge da competência da ciência material, pois não pode ser expressa por números nem pela força mecânica. Quando surge um fato novo, que não seja da competência de nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve afastar-se de sua ciência específica e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, que não pode ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que considera sua razão infalível está bem próximo do erro. Aqueles cujas ideias são as mais falsas apoiam-se em sua própria razão, e é em virtude disso que rejeitam tudo que lhes parece impossível. Aqueles que outrora reagiram contra as admiráveis descobertas de que a humanidade se orgulha, apelaram a esse juiz para rejeitá-las. Aquilo que chamamos razão é, muitas vezes, orgulho disfarçado, e qualquer um que se julgue infalível está se colocando como igual a Deus. Portanto, dirigimo-nos àqueles que são sensatos o suficiente para duvidar daquilo que não viram mas que, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem já tenha chegado ao seu apogeu, e tampouco que a Natureza lhe tenha virado a última página de seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, como é o caso da Doutrina Espírita, que subitamente nos lança numa ordem de coisas tão nova e grandiosa, só pode ser feito de maneira proveitosa por homens sérios, perseverantes, isentos de ideias preconcebidas e impulsionados por um firme e sincero propósito de alcançar um resultado. Não poderíamos qualificar dessa forma aqueles que julgam *a priori*, levemente e sem terem visto tudo, aqueles que não realizam seus estudos com a continuidade, a regularidade e nem o recolhimento necessários. Tampouco poderíamos incluir na qualificação mencionada certas pessoas que, para não perderem a sua reputação de homens espirituosos, esforçam-se por encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras – ou naquelas assim consideradas por pessoas cujo saber, caráter e convicções merecem o respeito dos que se gabam de ter uma boa educação. Abstenham-se, portanto, os que julgam os fatos como indignos de sua atenção; ninguém tem a intenção de violentar sua crença, mas que eles possam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade com que é encaminhado. Deve-se ficar surpreso por não se obter, muitas vezes, nenhuma resposta sensata às questões naturalmente sérias, quando estas são feitas ao acaso e à queima-roupa, em meio a uma porção de questões impertinentes? Além do mais, uma questão muitas vezes tem tal complexidade que, para que seja esclarecida, exige questões preliminares ou complementares. Todo aquele que deseja adquirir um saber deve fazer disso um estudo metódico, começando pelo começo e seguindo o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Aquele que dirige a um sábio, ao acaso, uma pergunta sobre uma ciência da qual ignora as noções básicas, terá avançado mais? O próprio sábio, mesmo com a maior boa vontade, poderá dar-lhe uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, muitas vezes, ininteligível, ou poderá parecer absurda ou contraditória. Acontece exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se desejamos aprender com eles, devemos instruir-nos em sua escola; porém, assim como ocorre entre nós, é preciso escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias e, principalmente, àquelas em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos voltados para o bem. A leviandade e as questões supérfluas os afastam, da mesma forma que, entre os homens, afastam as pessoas sensatas. Então o campo fica livre para a multidão de Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões para zombarem e se divertirem à nossa custa. Numa reunião destas, no que se transforma uma pergunta séria? Ela seria respondida: mas por quem? Seria o mesmo que, em meio a um grupo de gaiatos, fossem feitas perguntas como: “O que é alma?”, “O que é a morte?”,

e outras coisas recreativas. Se desejas respostas sérias, sê tu mesmo sério, em toda a extensão do termo, e ajusta-te a todas as condições necessárias: só então obterás grandes coisas. Além disso, sê esforçado e perseverante em teus estudos, pois sem isso os Espíritos superiores te abandonam, assim como faz um professor com os alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato comprovado. A questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem de tal manifestação.

Não estamos falando do movimento inteligente de certos objetos, nem de comunicações verbais, e nem tampouco daquelas escritas diretamente pelo médium. Esse tipo de manifestação, evidente para aqueles que viram e se aprofundaram no assunto, não é, à primeira vista, suficientemente independente da vontade para garantir a convicção de um observador novato. Portanto, falaremos apenas da escrita obtida com a ajuda de um objeto qualquer, ao qual esteja acoplado um lápis, como uma cesta, uma prancheta etc. A maneira pela qual os dedos do médium são colocados sobre o objeto desafia, como já dissemos, a mais requintada habilidade para participar, em qualquer sentido, no traçado das letras. Mas admitamos ainda que, através de uma maravilhosa habilidade, se pudesse enganar o observador mais atento. Como explicar a natureza das respostas, quando estas superam todas as ideias e conhecimentos do médium? E note-se bem que não se trata de respostas monossilábicas, mas, quase sempre, de várias páginas escritas com a mais espantosa rapidez, espontaneamente ou sobre um assunto determinado. Pela mão do médium mais leigo em literatura surgem, às vezes, poesias da mais alta sublimidade e de uma pureza irrepreensível, dignas da aprovação dos melhores poetas humanos. À estranheza desses acontecimentos, acrescenta-se ainda o fato de que eles se produzem em toda a parte e que os médiuns se multiplicam, infinitamente. Esses fatos são reais ou não? Para essa pergunta, temos apenas uma coisa a responder: vê e observa; não te faltarão oportunidades; mas, sobretudo, observa muitas vezes, por bastante tempo e de acordo com as condições necessárias.

Diante da evidência, o que respondem os antagonistas? Vós sois, dizem eles, vítimas do charlatanismo ou joguetes de uma ilusão. Diremos, primeiramente, que é preciso descartar a palavra *charlatanismo* daquilo que não rende lucros, pois os charlatães não trabalham *de graça*. Então, seria, quando muito, uma mistificação. Mas por que estranha coincidência esses mistificadores teriam se entendido de um extremo a outro do mundo, para agir da mesma forma, produzir os mesmos efeitos e dar, sobre um mesmo assunto, em línguas diferentes, respostas idênticas, se não quanto às palavras, ao menos quanto ao sentido?

Como é que pessoas sérias, honradas e instruídas se prestariam a semelhantes manobras, e com que objetivo? Como teriam encontrado entre as crianças a paciência e a habilidade necessárias? Pois se os médiuns não são instrumentos passivos, é necessário que tenham habilidade e conhecimentos incompatíveis com certas idades e classes sociais.

Então, acrescenta-se que, se não há fraude, os dois lados podem ser vítimas de uma ilusão. Logicamente, a qualidade das testemunhas tem um certo peso. Ora, seria o caso de perguntar se a Doutrina Espírita, que conta atualmente com milhares de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se apoia são tão extraordinários, que ficamos em dúvida; mas o que não se pode admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso, e que, sem respeito pelas conveniências ou pelo valor moral de seus adversários, sem cerimônia tacham de ineptos todos os que não têm a mesma opinião deles. Aos olhos de qualquer pessoa ajuizada, a opinião de pessoas esclarecidas que, durante muito tempo, viram determinado fato, estudaram e refletiram sobre ele, será sempre uma prova, ou pelo menos uma suposição em seu favor, uma vez que esse fato conseguiu prender a atenção de homens sérios, que não teriam interesse em propagar um erro, nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções, há algumas ponderáveis, pelo menos aparentemente, porque resultam de observação e porque são feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções diz respeito à linguagem de certos Espíritos, que não parece digna da elevação atribuída a seres sobrenaturais. Se retomarmos o resumo da Doutrina, apresentado nas páginas anteriores, veremos que os próprios Espíritos nos ensinam que eles não são iguais em conhecimentos, nem em qualidades morais, e que não se pode levar ao pé da letra tudo o que dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mau. Certamente aquelas que a partir disso concluem que só lidamos com seres malfeitores, cuja única ocupação é a de nos mistificar, não têm conhecimento das comunicações que acontecem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores, pois se soubessem não pensariam assim. É lamentável pensar que o acaso tenha servido tão mal a essas pessoas, a ponto de lhes ter mostrado somente o lado mau do mundo espírita, pois não queremos supor que uma afinidade atraia para elas, em vez dos bons, os maus Espíritos, os Espíritos mentirosos ou aqueles cujo linguajar grosseiro chega a ser revoltante. Poderíamos concluir, quando muito, que a solidez dos princípios dessas pessoas não seja forte o suficiente para afastar o mal e que, ao experimentar um certo prazer em lhes satisfazer a curiosidade sobre esse assunto, os maus Espíritos aproveitam para se introduzir entre eles, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos a partir desses fatos seria tão ilógico quanto julgar o caráter de um povo por aquilo que se diz e se faz numa reunião com alguns inconsequentes ou gente de má reputação, à qual não comparecem pessoas sábias e sensatas. Aqueles que assim julgam a questão espírita estão na mesma situação de um estrangeiro que, ao chegar no pior subúrbio de uma grande capital, julga inicialmente todos os habitantes pela linguagem e pelos hábitos desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos, também há uma sociedade boa e uma má. Se aquelas pessoas quiserem estudar direito o que se passa entre os Espíritos de elite, ficarão convencidas de que a cidade celeste não contém somente a escória da sociedade. No entanto, dizem elas, os Espíritos de elite vêm até nós? A isso responderemos: Não vos limiteis ao subúrbio. Vede e observai, e então julgareis. Os fatos apresentam-se para todos, a menos que a essas pessoas possam ser aplicadas estas palavras de Jesus: *Eles têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em ver nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais causados por elas apenas a intervenção de um poder diabólico, novo Proteu que se revestiria de todas as formas para melhor nos enganar. Não acreditamos que essa opinião mereça um exame sério, por isso não nos deteremos nessa questão: ela se encontra refutada pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos apenas que, se assim fosse, haveríamos de convir que o diabo é, às vezes, bem esperto, sensato e sobretudo dotado de muita moral, ou então que também existem diabos bons.

Como acreditar, de fato, que Deus permita somente aos Espíritos do mal se manifestarem para nossa perdição, sem nos dar por contrapeso os conselhos dos bons Espíritos? Se Deus não pode fazê-lo, não é onipotente; se Ele pode fazê-lo e não o faz, isso é incompatível com a sua bondade; ambas as suposições seriam blasfêmias. Nota que admitir a comunicação dos Espíritos maus significa reconhecer o princípio das manifestações. Ora, a partir do momento que estas existem, só pode ser com a permissão de Deus. E como acreditar, sem impiedade, que Ele só permite o mal, excluindo o bem? Uma doutrina assim é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

Uma coisa estranha, acrescentam, é que se fala apenas dos Espíritos de personalidades conhecidas; questionam por que razão somente estes se manifestam. Aí está um erro que, como muitos outros, resulta de uma observação superficial. Entre os Espíritos que se manifestam espontaneamente, há bem maior número de desconhecidos que de ilustres. Eles se designam por um nome qualquer e, muitas vezes, alegórico ou característico. Quanto àqueles que são evocados, a menos que seja um parente ou amigo, é bem natural dirigir-se preferencialmente

aos conhecidos. Os nomes de personalidades ilustres impressionam mais, e por isso mesmo são mais notados.

Acha-se igualmente estranho que os Espíritos de homens eminentes atendam familiarmente ao nosso chamado, ocupando-se, às vezes, de coisas insignificantes, se comparadas às que realizaram durante sua vida. Não há nada de espantoso nisso, para os que sabem que o poder ou a consideração que esses homens gozaram aqui não lhes concedem nenhuma supremacia no mundo espírita. Os Espíritos confirmam isso com as seguintes palavras do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos exaltados”, que devem ser entendidas como referindo-se à posição que cada um de nós ocupará entre os Espíritos. É por isso que quem foi o primeiro na Terra, lá poderá ser um dos últimos. Aquele para quem nos curvamos durante sua vida pode, portanto, voltar entre nós como o mais humilde artesão, porque, ao deixar esta vida terrena, deixa toda a sua grandeza, e, no mundo espiritual, o mais poderoso monarca talvez esteja abaixo do último de seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores apresentam-se, muitas vezes, com nomes conhecidos e respeitados. Então, quem pode nos garantir que aqueles que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc., tenham realmente animado essas personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos bastante fervorosos da Doutrina Espírita. Eles admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam que controle podemos ter sobre sua identidade. Esse controle é, de fato, bastante difícil de se estabelecer. Se ele não pode ser obtido de maneira tão autêntica quanto seria um registro civil, pode-se, ao menos, obtê-lo por presunção, seguindo alguns indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que nos é pessoalmente conhecido, um parente ou amigo por exemplo, principalmente se ele morreu há pouco tempo, acontece, geralmente, de sua linguagem corresponder perfeitamente ao caráter que conhecíamos. Isso já é um indício de identidade. Mas a dúvida termina quando esse Espírito fala de coisas privadas ou relembra circunstâncias da família que apenas o interlocutor conhece. Um filho certamente não se enganará quanto à linguagem de seus pais, nem os pais quanto à linguagem do filho. Nesses tipos de evocações íntimas, acontecem, algumas vezes, coisas surpreendentes, cuja natureza convenceria até o mais incrédulo dos homens. O cético mais convicto fica, muitas vezes, aterrorizado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica serve de indício à identificação. Dissemos que a caligrafia do médium geralmente muda conforme o Espírito

evocado, e que essa caligrafia se reproduz exatamente igual cada vez que o mesmo Espírito se manifesta. Constatou-se inúmeras vezes que, para pessoas mortas recentemente, a caligrafia apresentava uma semelhança surpreendente com a caligrafia da pessoa quando viva; viram-se assinaturas perfeitamente idênticas. Estamos longe, entretanto, de citar esse fato como regra e, muito menos, como constante; apenas o mencionamos como algo digno de nota.

Os Espíritos que atingiram um determinado grau de depuração são os únicos livres de qualquer influência corporal. Enquanto não estão completamente desmaterializados (esta é a expressão da qual se utilizam), conservam a maior parte das ideias, tendências e até mesmo *das manias* que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecê-los. Mas podemos identificá-los, sobretudo, numa infinidade de detalhes que somente uma observação atenta e constante pode revelar. Veem-se Espíritos de escritores discutirem suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovando ou condenando determinadas partes; veem-se outros Espíritos lembrarem-se de circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de sua vida ou de sua morte, coisas que, afinal, servem pelo menos como provas morais de sua identidade, as únicas às quais se pode recorrer quando lidamos com coisas abstratas.

Portanto, se a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto e em alguns casos, estabelecida, não há razão para que ela não possa sê-lo em outros casos. E se não dispomos dos mesmos meios de controle para as pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, sempre teremos aqueles indícios que se referem à linguagem e ao caráter, pois, certamente, o Espírito de um homem de bem não falará da mesma forma que o Espírito de um homem perverso ou imoral.

Quanto aos Espíritos que se servem de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e por suas máximas. Aquele, por exemplo, que dissesse ser Fénelon, e que ferisse mesmo que acidentalmente o bom senso e a moral, já estaria mostrando a fraude. Se, ao contrário, os pensamentos que exprimisse fossem sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não haveria motivos para duvidar de sua identidade. Do contrário, seria necessário supor que um Espírito que só prega o bem pode valer-se conscientemente da mentira, e isso sem utilidade alguma. A experiência nos ensina que os Espíritos do mesmo nível, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Ora, o número de Espíritos é incalculável, e estamos longe de conhecer todos eles; a maior parte deles nem tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, portanto, vir em seu lugar, muitas vezes até enviado por ele próprio, como mandatário. Apresenta-se com o nome de Fénelon e, por ser idêntico a ele, pode perfeitamente substituí-lo, porque sempre precisamos de um nome para fixar nossas ideias. Porém, que importa, na verdade, que um Espírito realmente seja ou não o de Fénelon! A partir do momento em que o Espírito só diz coisas

boas e fala como o próprio Fénelon falaria, ele é um Espírito bom. O nome pelo qual se faz conhecer é indiferente e, muitas vezes, nada mais é do que um meio de fixarmos nossas ideias. O mesmo não ocorreria nas evocações íntimas, mas nessas, como dissemos, a identidade pode ser confirmada por provas de certa forma evidentes.

Por fim, é certo que a substituição dos Espíritos pode causar uma série de equívocos, resultando em erros e, frequentemente, em mistificações. Esta é uma dificuldade do *Espiritismo prático*. No entanto, jamais dissemos que esta ciência era algo fácil, muito menos que se pudesse aprendê-la brincando, como não ocorre com nenhuma outra ciência. Nunca é demais repetir que ela exige um estudo assíduo e quase sempre muito prolongado. Uma vez que não se pode provocar os fatos, é preciso esperar que aconteçam por si mesmos, e, muitas vezes, os fatos são trazidos por circunstâncias que menos se espera. Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, pois descobre milhares de nuances características que são, para ele, raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns: enquanto o homem dotado de uma visão superficial só consegue ver numa flor uma forma bela, o homem sábio, por seu pensamento, nela descobre tesouros.

XIII

As observações acima levam-nos a discorrer sobre uma outra dificuldade: a divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Uma vez que os Espíritos são diferentes uns dos outros quanto ao conhecimento e à moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser resolvida de maneira oposta, segundo suas respectivas categorias, exatamente como se a pergunta tivesse sido feita, entre os homens, alternadamente, a um cientista, a um ignorante, ou a um zombador. O ponto essencial, como dissemos, é saber a quem se dirige.

Mas, acrescentam, como se explica que os Espíritos reconhecidos como superiores não estejam sempre em acordo? Diremos inicialmente que, independente da causa que acabamos de assinalar, há outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, não importando a categoria dos Espíritos. Este é um ponto capital, cujo estudo trará a explicação. Por isso dizemos que esses estudos exigem uma atenção permanente, uma observação profunda e, principalmente – como em todas as outras ciências humanas –, continuidade e perseverança. Vários anos são necessários para formar um médico de nível médio, três quartos da vida para se formar um cientista, e há quem pretenda adquirir, em algumas horas, a ciência do infinito! Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; abrange todas as questões da Metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se descortina à nossa frente. Deve-se espantar de que isso exija tempo, e muito tempo, para ser aprendido?

A contradição, aliás, nem sempre é tão real como pode parecer. Não vemos, diariamente, homens que professam a mesma ciência divergirem quanto à definição que dão a uma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque a consideram sob um outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, se for possível, o número de definições que foram dadas da Gramática! Acrescentemos, ainda, que a forma da resposta, muitas vezes, depende da forma da questão. Seria pueril, portanto, ver uma contradição onde existe, na maioria das vezes, apenas uma diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam nem um pouco com a forma. Para eles, a essência do pensamento é tudo.

Tomemos por exemplo a definição de alma. Como essa palavra não tem um sentido único, os Espíritos podem, como nós, divergir quanto à definição atribuída: um poderá dizer que ela é o princípio da vida, outro chamá-la de centelha anímica, um terceiro pode dizer que é interna, um quarto que é externa etc., e cada um, segundo o seu ponto de vista, terá razão. Poderíamos até acreditar que alguns deles professem teorias materialistas, e, no entanto, não ser nada disso. O mesmo se dá com *Deus*, que pode ser: o princípio de todas as coisas, o Criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o Grande Espírito e assim por diante, mas que, na verdade, sempre será Deus.

Citemos, enfim, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma sequência ininterrupta, do mais baixo ao mais alto grau. A classificação é, portanto, arbitrária; há quem possa estabelecê-la em três classes, outros em cinco, dez ou vinte, segundo a sua vontade, e isso não constituirá um erro. Todas as ciências humanas nos oferecem o mesmo exemplo; cada cientista tem o seu sistema. Os sistemas mudam, mas a Ciência não. Que se aprenda Botânica pelo sistema de Linneu, de Jussieu ou de Tournefort, isso não fará com que se conheça menos Botânica. Deixemos então de dar às coisas puramente convencionais mais importância do que elas merecem, para nos concentrarmos naquilo que é verdadeiramente sério, e, então, muitas vezes a reflexão nos fará descobrir, naquilo que parecia ser o maior disparate, uma similitude que nos escapara no primeiro exame.

XIV

Passaríamos brevemente pela objeção de alguns céticos quanto aos erros de ortografia cometidos por alguns Espíritos, se esta não desse margem a uma observação essencial. A ortografia dos Espíritos, deve-se dizer, nem sempre é impecável; mas só a falta de argumento pode torná-la objeto de uma crítica séria, sob a alegação de que, se os Espíritos tudo sabem, eles devem saber ortografia. Poderíamos lhes confrontar os numerosos pecados desse gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que não lhes diminui em nada o mérito. Há, entretanto, uma questão mais séria nesse fato.

Para os Espíritos – e sobretudo para os Espíritos superiores –, a ideia é tudo, a forma não é nada. Uma vez livres da matéria, a linguagem usada entre eles é rápida como o pensamento, pois é o próprio pensamento que se comunica, sem intermediário. Assim, eles devem sentir-se constrangidos quando, para se comunicarem conosco, são obrigados a utilizar formas longas e complicadas da linguagem humana, tendo dificuldade para expressar suas ideias principalmente devido à insuficiência e à imperfeição dessa linguagem. É curioso também ver os meios de que, muitas vezes, eles se valem para atenuar esse inconveniente. Aconteceria o mesmo conosco se tivéssemos de nos expressar num idioma mais extenso em palavras e em estruturas, e mais pobre em expressões do que aquele por nós utilizado. É a dificuldade que o homem talentoso experimenta, impacientando-se com a lentidão de sua pena, sempre atrasada em relação ao seu pensamento.

Após essas observações, entende-se que os Espíritos deem pouca importância à banalidade da ortografia, principalmente quando se trata de um ensinamento mais sério e importante. Além disso, já não é maravilhoso que eles possam expressar-se indiferentemente em qualquer língua, e que compreendam todas elas? Disso não se deve concluir, entretanto, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a observam quando necessário. É assim, por exemplo, que a poesia ditada por eles muitas vezes desafia a crítica do mais metucioso purista, e isso *apesar da ignorância do médium*.

XV

Há ainda as pessoas que veem perigo em toda parte, e em tudo o que desconhecem. Não deixam de tirar uma conclusão desfavorável a esse respeito, pelo fato de alguns que se dedicaram a esses estudos terem perdido a razão. Como podem homens sensatos verem nesse fato uma objeção séria? Não ocorre o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro frágil? Sabe-se o número de loucos e maníacos produzidos por estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? Deve-se, por essa razão, banir tais estudos? O que isso prova? Com os trabalhos corporais, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos de ação material. Com os trabalhos intelectuais, estrophia-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento se quebra, o mesmo não acontece com o Espírito: ele se mantém intacto. E, quando se liberta da matéria, continua a usufruir da plenitude de suas faculdades. No seu modo de ser, ele é, enquanto homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações intelectuais podem levar à loucura: as ciências, as artes e a própria religião apresentam os seus contingentes. A loucura tem como causa principal uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos vulnerável a determinadas impressões. Ao haver uma predisposição à loucura, esta irá se manifestar como uma preocupação central,

que se tornará uma ideia fixa. Essa fixação poderá ser pelos Espíritos, no caso de quem se ocupa disso, como poderá ser por Deus, pelos anjos, pelo diabo, pela fortuna, pelo poder, pela arte, por uma ciência, pela maternidade ou por um sistema político e social. Se o Espiritismo foi a principal preocupação de um louco religioso, é provável que ele se tenha tornado um louco espírita por essa razão, assim como é provável que o louco espírita se torne um louco religioso sob outra forma, segundo as circunstâncias.

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio nesse assunto. Vou ainda mais longe: quando compreendido corretamente, o Espiritismo é um preservativo contra a loucura.

Entre as causas mais frequentes da superexcitação cerebral, devemos levar em conta as decepções, as desgraças, as contrariedades afetivas, que são, ao mesmo tempo, as mais frequentes causas do suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista mais elevado; elas lhe parecem tão pequenas e mesquinhas diante do porvir que o aguarda; no seu modo de ver, a vida é tão curta e tão fugaz que as atribulações não passam de incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outra pessoa produziria uma violenta emoção quase não o afeta. Ele sabe, aliás, que as amarguras da vida são provações para o seu progresso, desde que as suporte sem queixas, pois será recompensado conforme a coragem com que as suportar. Suas convicções lhe dão, portanto, uma resignação que o protege do desespero e, conseqüentemente, de uma incessante causa da loucura e do suicídio. Além disso, o verdadeiro espírita sabe, pelo espetáculo que lhe oferecem as comunicações com os Espíritos, o destino daqueles que abreviam voluntariamente os seus dias, e esse quadro é suficiente para fazê-lo refletir. É também considerável a quantidade dos que foram detidos à beira desse funesto despenhadeiro. Este é um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam o quanto quiserem. Eu lhes desejo as consolações que o Espiritismo proporciona a todos aqueles que se dão ao trabalho de sondar as suas misteriosas profundezas.

Entre as causas da loucura, é preciso ainda incluir o pavor e o medo do diabo, que já perturbaram mais de um cérebro. Quantas são as vítimas causadas pelo abalo das imaginações fracas com essa ameaça, que se procura tornar ainda mais medonha através de horríveis detalhes?

O diabo, dizem, assusta somente criancinhas; é um freio para torná-las maduras. Sim, como o bicho-papão e o lobisomem, e, quando elas não têm mais medo, ficam piores do que antes. Mas para atingir esse belo resultado, não se leva em conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de mentes delicadas. A religião ficaria bastante fragilizada se, por falta de temor, seu poder pudesse ser comprometido. Felizmente, isso não ocorre assim; ela tem outros meios de agir sobre as almas. O Espiritismo fornece à religião os meios mais eficazes e sérios para isso, desde que ela saiba tirar proveito deles; mostra-lhe

a realidade das coisas, e, desse modo, neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos examinar duas objeções, as únicas que realmente merecem esse nome, por serem baseadas em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos, materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

De acordo com a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos seriam apenas efeitos magnéticos. Os médiuns ficariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo desperto, fenômeno do qual toda pessoa que estudou o Magnetismo pode ser testemunha. Nesse estado, as faculdades intelectuais obtêm um desenvolvimento anormal e o círculo das percepções intuitivas se estende fora dos limites de nossa percepção ordinária. A partir desse momento, e por sua lucidez, o médium tiraria de si mesmo tudo o que diz e todas as noções que transmite, inclusive sobre coisas que, no seu estado normal, lhe seriam as mais estranhas.

Não seremos nós que contestaremos o poder do sonambulismo, cujos prodígios presenciamos, estudando todas as fases por mais de trinta e cinco anos. Concordamos que, na verdade, muitas das manifestações espíritas podem ser explicadas por esse meio. No entanto, uma observação contínua e atenta mostra uma grande quantidade de fatos nos quais a intervenção do médium é materialmente impossível, a não ser como instrumento passivo. Àqueles que compartilham dessa opinião, diremos o mesmo que dissemos aos outros: “Vede e observai, pois com certeza ainda não vistes tudo”. Em seguida, nós lhes apresentaremos duas considerações tiradas de sua própria doutrina.

De onde veio a teoria espírita? Será que é um sistema imaginado por alguns homens para explicar certos fatos? De maneira alguma. Mas, então, quem a revelou? Exatamente estes mesmos médiuns cuja inteligência vós exaltais. Se, portanto, essa inteligência é tal qual vós supondes, por que teriam eles atribuído aos Espíritos aquilo que eles próprios haviam concluído? Como teriam transmitido esses ensinamentos tão precisos, tão lógicos e tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências sobre-humanas? De duas, uma: ou eles são lúcidos ou não o são: se o são, e se podemos confiar em sua veracidade, não se poderia admitir, sem contradição, que não digam a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua origem no médium, seriam idênticos em um mesmo indivíduo, e não se veria a mesma pessoa usar linguagens diferentes, nem exprimir alternadamente as coisas mais contraditórias. Essa falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes. Portanto, se não se pode encontrá-las todas no médium, é imprescindível procurá-las fora dele.

Segundo uma outra opinião, o médium é mesmo a fonte das manifestações, mas em vez de tirá-las de si mesmo, como acreditam os criadores da teoria do

sonambulismo, tira-as do espaço que o rodeia. O médium seria, assim, uma espécie de espelho, refletindo todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; tudo o que dissesse seria conhecido pelo menos por alguns deles. Não se poderia negar – e nisto consiste um dos princípios da Doutrina – a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações. No entanto, essa influência é bem diferente da que se supõe, e, entre esta e aquilo que faria do médium um eco de seus pensamentos, há uma grande distância, pois milhares de fatos demonstram decisivamente o contrário.

Há, portanto, nessa opinião, um sério erro, que prova, mais uma vez, o perigo das conclusões precipitadas. Essas pessoas, incapazes de negar a existência de um fenômeno do qual a Ciência comum não consegue dar conta, e não querendo admitir a presença de Espíritos, explicam-no à sua maneira. Sua teoria seria sedutora, se pudesse abranger todos os fatos, mas não é bem o que acontece. Mesmo quando se demonstra, até à evidência, que algumas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos e até às próprias opiniões de todos os assistentes, e que essas comunicações são frequentemente espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, isso não é suficiente para convencê-las. A irradiação, dizem, expande-se muito além do círculo imediato que nos rodeia; o médium é o reflexo de toda a humanidade, de forma que, se não tira as inspirações de seu redor, vai procurá-las externamente, na cidade, no país, em todo o globo e até mesmo em outras esferas.

Não creio que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, pois ela pressupõe uma causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres povoam os espaços e que, ao estarem em contato permanente conosco, nos comuniquem seus pensamentos, em nada mais pode chocar a razão do que a suposição de uma irradiação universal, vinda de todos os pontos do Universo para se concentrar no cérebro de um único indivíduo.

Diremos, mais uma vez, e este é um ponto fundamental, sobre o qual nunca será demais insistir: a teoria do sonambulismo e aquela que se pode chamar de *reflectiva* foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais formuladas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é uma concepção humana. A Doutrina dos Espíritos foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém esperava e quando a opinião geral a repelia. Ora, perguntamos, de onde os médiuns teriam tirado uma doutrina que não existia no pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos, além disso, também, por que estranha coincidência milhares de médiuns, espalhados por todos os pontos do globo e sem nunca se terem visto, estão de acordo para dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que surgiu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que estranho motivo foi ele buscar essas

ideias a duas mil léguas além-mar e no seio de um povo estranho, em modos e em linguagem, em vez de apropriar-se das que estavam ao seu redor?

Mas há uma outra circunstância na qual não se pensou o bastante. As primeiras manifestações, tanto na França como na América, não aconteceram nem por meio da escrita nem pela palavra, mas por meio de golpes desferidos que, de acordo com as letras do alfabeto, iam formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências que se revelavam declararam ser Espíritos. Portanto, se era possível supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, o mesmo não se poderia pensar dos golpes desferidos, cuja significação não poderia ser previamente conhecida.

Poderíamos citar numerosos fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Portanto, encaminhemos os dissidentes a uma observação mais atenta e, se eles querem mesmo estudar sem preconceito e sem tirar conclusões antes de ter visto tudo, reconhecerão que suas teorias são incapazes de explicar tudo. Iremos limitar-nos a propor as seguintes questões: Por que a inteligência que se manifesta, seja ela qual for, se recusa a responder a algumas questões sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, o nome ou a idade do interrogador, o que ele traz na mão, aquilo que ele fez na véspera, seus planos para o dia seguinte etc? Se o médium é o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder a essas questões.

Os adversários, por sua vez, rebatem o argumento perguntando por que os Espíritos, que tudo devem saber, não podem dizer coisas tão simples, conforme a máxima: *Quem pode muito, pode pouco*? E, a partir disso, concluem que não se trata de Espíritos. Se um ignorante ou um zombador, ao se apresentar a uma assembleia instruída, perguntasse, por exemplo, em pleno meio-dia, “por que é dia”, será que a assembleia deveria se dar ao trabalho de lhe responder seriamente? Será que haveria lógica em concluir, por seu silêncio ou pelas zombarias que ela dirigisse ao indagador, que os membros dessa assembleia são apenas tolos? Ora, é justamente por serem superiores que os Espíritos não respondem a perguntas inúteis e ridículas; não querem ser alvo de motejos. Por essa razão eles se calam ou dizem que se ocupam apenas de coisas mais sérias.

Perguntaremos, enfim, por que muitas vezes os Espíritos vêm e se vão num dado momento, e por que, passado esse momento, não há rezas nem súplicas que possam fazê-los voltar? Se o médium agisse somente pelo impulso mental dos assistentes, é claro que, nessa circunstância, a cooperação de todas as vontades reunidas deveria estimular a clarividência. Logo, se ele não cede aos desejos da assembleia, movido por sua própria vontade, é porque obedece a uma influência estranha a ele próprio e àqueles que o rodeiam, e essa influência demonstra, assim, a independência e a individualidade que a caracterizam.

XVII

O ceticismo, no que diz respeito à Doutrina Espírita, quando não é o resultado de uma oposição sistemática, interesseira, provém quase sempre de um conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede algumas pessoas de resolverem a questão como se a conhecessem perfeitamente. É possível ser muito engenhoso, possuir até muita instrução, mas não ter bom senso.

Ora, o primeiro indício de falta de bom senso é achar-se infalível. Muitas pessoas também só veem nas manifestações espíritas um objeto de curiosidade. Esperamos que, pela leitura deste livro, elas encontrem nesses fenômenos estranhos algo mais do que um simples passatempo.

A Ciência Espírita contém duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Qualquer um que tenha observado apenas a parte experimental encontra-se na posição daquele que só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem ter penetrado a fundo na ciência.

A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento comporta são profundos demais para serem adquiridos de outro modo que não seja um estudo sério e contínuo, feito em silêncio e recolhimento. Afinal, somente nessas condições se pode observar uma infinidade de fatos e nuances que escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião. Este livro teria como resultado apenas mostrar o lado sério da questão e incitar estudos sérios sobre o assunto – isto já seria bastante e nós nos felicitaríamos por termos sido escolhidos para realizá-lo. No entanto, não pretendemos obter nenhum mérito pessoal sobre esta obra, já que os princípios nela contidos não são criação nossa. Todo o mérito é, portanto, dos Espíritos que a ditaram. Esperamos que este livro obtenha um outro resultado, que é o de guiar os homens ansiosos por esclarecer-se, mostrando-lhes, nesses estudos, um objetivo grandioso e sublime – o do progresso individual e social –, e indicando-lhes o caminho que se deve seguir para atingir esse objetivo.

Terminemos com uma última consideração. Os astrônomos, sondando o espaço, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas injustificáveis e em desacordo com as leis do todo. Suspeitaram que essas lacunas deveriam corresponder a globos que haviam escapado às observações. Por outro lado, observaram alguns efeitos cuja causa lhes era desconhecida, e disseram a si mesmos: “Ali deve haver um mundo, pois não pode existir essa lacuna, e esses efeitos devem ter uma causa”. Julgando então a causa pelo efeito, puderam calcular os elementos que a compunham, e, mais tarde, os fatos vieram justificar suas previsões.

Apliquemos esse raciocínio a uma outra ordem de ideias. Se observamos a sequência dos seres, descobrimos que eles formam uma cadeia ininterrupta, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas entre o homem e

Deus, que constituem o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar que ele, o homem, encerre os anéis dessa cadeia? Que ele transponha, sem transição, a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outras etapas, assim como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, devia haver mundos desconhecidos. Que filosofia preencheu essa lacuna? O Espiritismo nos mostra essa lacuna preenchida por seres de todos os níveis do mundo invisível, e esses seres nada mais são do que os Espíritos dos homens que evoluíram nos diferentes graus que levam à perfeição. Assim, tudo se liga, tudo se encadeia, do alfa até o ômega. Portanto, preenchei, vós que negais a existência dos Espíritos, o vazio que eles ocupam. E vós que rides disso, ousai rir das obras de Deus e de Sua onipotência!

Allan Kardec